Kṛṣṇa: Um Estudo
Da Liderança Transformacional

por Satya Chaitanya

Baseado em uma palestra proferida pelo autor para alunos seniores de MBA na XLRI [Xavier School of Management], Jamshedpur. O artigo analisa o ditado "Não deixe que o seu senso de moral o impeça de fazer o que é certo" à luz do ethos de liderança de Kṛṣṇa no Mahābhārata, e também Kṛṣṇa como um líder transformacional à luz dessa afirmação. Ele faz isso comparando e contrastando Kṛṣṇa e Bhīṣma como líderes. Todas as traduções do sânscrito são do autor e são baseadas na versão do Mahābhārata publicada pela Gita Press, Gorakhpur.

Fonte: *innertraditions.blogspot.com.br*
[Traduzido por E. M. em 2016].

Há uma velha história sobre um sábio que estava sentado serenamente sob uma árvore na selva, perdido na imensa beleza do mundo ao seu redor. As árvores em volta dele, as trepadeiras subindo nelas, os pássaros empoleirados nas árvores e trepadeiras, os animais pastando mansamente entre todas elas, o lago plácido à distância, as montanhas remotas, tudo parecia estar banhado em uma quietude que tirava o fôlego. O vento suave que soprava não destruía de modo algum a serenidade da selva; pelo contrário, acrescentava outra dimensão a ela.

E então de repente, em um momento de violência explosiva, a tranquilidade divina foi quebrada em um milhão de pedaços pelos gritos agudos aterrorizados de animais que começaram a fugir em todas as direções e a cacofonia das aves que deixaram seus poleiros e decolaram para os céus gritando. Mil macacos pareciam estar gritando ao mesmo tempo, enchendo a selva com seu pânico.

O sábio arregalou os olhos em alarme. O que ele viu antes de qualquer outra coisa foi um belo veado, uma criatura magnífica que parecia encarnar toda a beleza da selva, toda a generosidade e opulência da natureza, correndo na direção dele como um raio e então desaparecendo na outra direção no instante seguinte, levantando uma nuvem de poeira em sua esteira. Naquela fração de segundo o sábio viu nos olhos aterrorizados do animal o puro pavor da morte que o perseguia. Os músculos da criatura esplêndida da selva agitavam-se e tremiam – tanto de esforço quanto de terror. Depois veio o caçador, em uma carruagem real resplandecente em ouro – o rei, com seu arco esticado ao máximo, uma seta pronta para deixá-lo e perfurar o alvo com força selvagem. A uma instrução brusca dele, o condutor puxou as rédeas e trouxe a carruagem a uma parada brusca diante do sábio. O rei olhou ao redor, e não vendo o veado em lugar nenhum pulou de seu veículo e se aproximou do sábio. Ele saudou o sábio apressadamente e perguntou-lhe, com a voz ainda trêmula da excitação da caça, "Mestre, você viu um veado em fuga?"

O sábio tinha duas alternativas diante dele agora: ele podia dizer a verdade, que ele era obrigado a dizer por seus juramentos, e salvar a sua integridade – isso significaria a morte do veado e um momento de euforia da matança para o rei – ou ele podia dizer uma mentira, e salvar a vida do cervo – o que significaria trair seus votos, se comprometer, cometer um pecado. *Satyena vitata sukrtasya pantha* – dizem as *Upaniṣads*: 'O caminho da espiritualidade é pavimentado com a verdade' – dê um passo para longe da verdade e você estará se desviando do seu caminho, lembrou-se o sábio.

No entanto, diz o antigo conto de sabedoria, o sábio não demorou muito tempo para decidir o seu rumo. Sem piscar ele olhou para o rei – e mentiu. Não, ele não tinha visto nenhum cervo, ele disse.

Sem dúvida, o sábio nessa história cometeu o pecado de mentir, mas ninguém diria que a ação do sábio foi imoral. O que ele fez quando mentiu foi escolher um valor mais alto, subir para um nível mais elevado de moralidade. Numa situação em que ele teve que fazer uma escolha entre dois valores, em vez de seguir o caminho da moralidade convencional ele escolheu a moralidade superior.

A famosa história sobre Jesus e a adúltera nos apresenta uma situação semelhante de conflito de valores, na qual um homem decide escolher o caminho da moralidade superior. Quando a adúltera foi trazida diante dele e Jesus foi convidado a julgá-la e pronunciar sua punição, ele teve a opção de tomar o caminho fácil e declará-la culpada, o que ela era de acordo com a lei da época em sua sociedade, uma lei com a qual Jesus estava totalmente familiarizado, e que permitiria que os homens que a tinham levado até ele a apedrejassem até a morte. Provavelmente Jesus sabia que isso era uma armadilha para ele – se a perdoasse, ele estaria violando a lei dos fariseus, e se a condenasse, ele estaria agindo contra o seu próprio ensinamento de perdão e amor. No entanto, ele decidiu correr o risco e escolheu o caminho da moralidade superior quando disse, "aquele que não tem pecado entre vocês, que ele atire primeiro uma pedra nela[1]". Diz-se que Jesus selou a sua própria sentença de morte por essa declaração – pois o que ele fez foi expor à luz do dia a hipocrisia dos homens que estavam tentando prendê-lo.

Aqui, novamente, como o sábio na história anterior, o que Jesus fez foi abandonar a moralidade convencional e subir ao nível mais elevado de moralidade.

Grandes líderes são transformacionais por natureza. Abandonar a moralidade convencional para se elevar ao nível mais elevado de moralidade é uma das qualidades de um líder transformacional.

Falar de liderança transformacional, liderança que transforma o líder e seus seguidores de dentro para fora e os ergue a planos morais mais altos, desenvolve um sentimento de identidade coletiva neles, produz motivação superior e compromisso com as metas, e cria maiores níveis de desempenho e produz mais intensa satisfação de desempenho; um especialista diz: "Os líderes transformacionais lidam com questões de um plano moral mais elevado".

---

[1] A origem dessa história é discutida e a história em si é interpretada de outras maneiras diferentes daquela dada aqui.

O Mahābhārata, aquele majestoso épico da Índia que nos fornece uma quantidade infinita de material para estudo de liderança, nos proporciona um contraste completo no ethos de liderança através de dois dos seus maiores homens - Bhīṣma e Kṛṣṇa. O jovem Devavrata Bhīṣma no épico imortal de Vyāsa nos aparece como um jovem com imenso potencial de liderança. Levado por sua mãe em sua infância e apresentado ao seu pai o imperador Śāṃtanu no início da sua juventude,[2] é como um jovem brilhante que vemos esse descendente dos Bharatas inicialmente. Ele nos impressiona como alguém que tem a personalidade, as competências e os valores necessários para se tornar um dos maiores imperadores que essa terra já viu, alguém não inferior aos seus ancestrais lendários como Nahuṣa, Yayāti e Bharata.

O seu primeiro encontro com seu pai depois de todo aquele tempo é fascinante. Anos se passaram desde que Gaṅgā desapareceu levando o bebê Devavrata com ela. Perseguindo um animal selvagem que ele tinha ferido, um dia Śāṃtanu chega às margens do Ganges. Ele vê que há muito pouca água no rio naquele dia, o que o surpreende porque o Ganges lá sempre era uma torrente poderosa. Intrigado, ele sobe o rio procurando a razão para isso e se depara com um adolescente praticando tiro ao arco com suas flechas dotadas de poderes mágicos, que tinha detido a corrente do rio com elas. Śāṃtanu, surpreso com a proeza sobre-humana, olha com espanto para o jovem que é brilhante como o senhor dos deuses. No entanto, antes que ele tivesse a chance de falar com ele, o garoto desaparece de sua vista. Logo, no entanto, ele reaparece com sua mãe e Gaṅgā apresenta o filho para Śāṃtanu.

Devavrata a essa altura domina todas as armas da época, as comuns bem como as dotadas de poderes mágicos. Ele é poderoso em força, de energia e determinação incansáveis, destemido, e um excelente mestre de carruagem. Ele aprendeu todos os Vedas do próprio Vasiṣṭha, e tal é o seu valor que mesmo os deuses poderosos e os Asuras formidáveis o respeitam. Ele estudou completamente, junto com todos os seus ramos e sub-ramos, as leis de Bṛhaspati, bem como a ciência de nīti como ensinada pelo ācārya Śukra. Seu mestre no tiro com arco não era outro senão o próprio formidável Paraśurāma. Além disso, ele é um grande estudioso da ciência política, da ciência administrativa e da ciência econômica.

Śāṃtanu unge Devavrata como o príncipe herdeiro e seu povo fica encantado com seu futuro governante. Eles sabem que têm um grande imperador esperando para assumir após a morte de Śāṃtanu a quem eles amavam e reverenciavam muito.

Quatro anos se passam e então a tragédia atinge Devavrata, transformando aquele jovem maravilhoso em Bhīṣma o terrível.

Śāṃtanu estava em uma selva nas margens do rio Yamunā quando tudo começou. Depois que Gaṅgā o deixou ele viveu durante anos sem uma mulher em sua cama. Quando ele estava vagando ao lado do rio, ele foi de repente inebriado por uma fragrância celestial. Procurando a fonte da fragrância, ele se depara com uma moça morena muito jovem, uma empregada dos pescadores,

[2] Há também uma versão que diz que Devavrata era muito mais velho quando ele foi devolvido à Śāṃtanu.

intoxicantemente bela, e fica perplexo com o fato de que o perfume inebriante que o tinha enfeitiçado tinha vindo dela. Atraído por sua beleza e perfume, encantado por sua juventude, a sexualidade que ele havia suprimido todos aqueles anos despertou de repente; desesperado com uma necessidade incontrolável por ela, ele se aproxima dela e pergunta quem ela é. Sabendo dela que ela é Kālī Satyavatī, filha do chefe dos Dāsas, os pescadores que viviam nas margens do rio Yamunā, e que é encarregada de transportar pessoas através do Yamunā, Śāṃtanu se aproxima de seu pai e lhe pede para dá-la a ele. O homem diz ao imperador que era seu desejo dar a sua linda filha em casamento a alguém que a merecesse. Seria um prazer dar sua filha ao imperador, é claro, mas ele exige um juramento do imperador. Perguntado sobre qual é o juramento, o chefe Dāsa diz a Śāṃtanu que ele deve jurar que o filho nascido dela será instalado como o príncipe herdeiro em Hāstinapura, e somente se o imperador prometesse fazer isso ele daria sua filha a ele em casamento. Śāṃtanu, naturalmente, não podia fazer tal voto. Apesar de todas as suas tentações, a ideia de deserdar seu filho altamente competente que tinha sido instalado como príncipe herdeiro há quatro anos e que é amado por toda a população, e dar essa posição a um filho que nasceria dessa pescadora era impensável para ele. No entanto, o idoso imperador fica muito desapontado por não conseguir a garota e a perda parte o seu coração. Ele perde todo o interesse na vida e se afasta dos seus deveres reais a partir daquele dia e passa o seu tempo em seus apartamentos, sua necessidade ardente da garota causando-lhe delírios. O jovem Devavrata descobre a verdade, vai até o chefe dos Dāsas junto com vários ministros e nobres e lhe dá a promessa que ele queria: ele solenemente desiste de todos os direitos sobre o trono dos Bharatas através de um juramento.

Mas isso não é suficiente para o chefe Dāsa. Devavrata pode desistir do seu direito ao trono dos Bharatas - mas o que acontecerá quando ele se casar e tiver seus próprios filhos? Será que eles não reivindicariam o trono? Ao ouvir isso Devavrata faz o voto que era impensável para um príncipe guerreiro em seu tempo: ele nunca se casará, ele nunca terá relações sexuais, ele permanecerá um urdhvareta[3] toda a sua vida – um homem cujas sementes nunca deixaram seu corpo, mas viajaram para dentro de si mesmo. "Ouça, ó rei Dāsa, ouça o que eu digo com esses governantes de homens como minhas testemunhas. E ouçam, ó reis, também", disse ele. "Eu já desisti do meu reino em sua presença. Agora ouçam o meu juramento sobre ter filhos, também. Eu juro a você, ó Dāsa, que a partir de hoje minha será uma vida de brahmacarya. Eu permanecerei sempre sem filhos, contudo os mundos imortais alcançados após a morte apenas por aqueles que têm filhos serão meus. Nunca em minha vida eu falei uma mentira e por essa minha verdade eu juro: eu não gerarei um filho até o último dia da minha vida. Eu desisto do reino para sempre, e para sempre eu desisto do sexo. Eu viverei até o meu último suspiro uma vida de urdhvareta. Eu juro[4]".

Esses votos dão a Devavrata o nome Bhīṣma.

---

[3] [Alguém que vive em celibato. Um iogue que armazenou a energia seminal no cérebro após sublimar a mesma em energia espiritual].

[4] Ādi, cap. 100 [pág. 217 § 2 da tradução em português].

No entanto, sem Bhīṣma saber, esses os votos tiram todo o desejo de viver dele para sempre. Pois o Devavrata que vemos no Mahābhārata a partir de então é um Devavrata muito diferente. Ele é um homem preso por seu voto, um homem em uma máscara de ferro que ele colocou em seu próprio rosto, como a máscara usada pelo prisioneiro em "Os Três Mosqueteiros" de Dumas, embora essa máscara seja de um tipo diferente.

Pois os seus votos logo se tornariam redundantes, levariam a respeitável linhagem real dos Bharatas à beira da extinção, a necessidade da hora seria de ele quebrar seus votos e ele seria convidado a fazê-lo pela própria mulher por cuja causa ele tinha feito aqueles votos. E ele se recusaria - recusaria em palavras que não deixariam nada incerto, em palavras que mostram com clareza absoluta o ódio profundamente enraizado em seu coração, a fúria frustrada ele tinha alimentando nas profundezas do seu ser, as dores e agonias pelas quais ele tinha passado desde o dia em que ele fez os votos.

Śāṃtanu tem dois filhos com Satyavatī. Logo após a morte dele, Citrāṅgada, o mais velho deles, morre em uma batalha ainda jovem. Bhīṣma rouba do salão de svayaṃvara, da cerimônia na qual uma princesa escolhe seu marido por sua própria vontade entre os príncipes reunidos, três princesas de Kāśī como noivas para o outro enquanto ele ainda é muito jovem para casar. Uma das princesas, Ambā, se recusa a se casar com ele; as outras duas concordam com a exigência de Bhīṣma e se casam com o príncipe Vicitravīrya. No entanto, tal é a paixão do jovem príncipe por suas duas esposas belas e jovens que ele passa todo o seu tempo em sua companhia e logo morre de doenças decorrentes do excesso de sexo com elas.

Embora o épico não nos diga nada sobre isso, é possível que Bhīṣma não tenha feito nada para impedir tal abuso por parte do jovem príncipe. Será que o homem que tinha feito o voto de celibato e cujo trono tinha sido arrancado dele tinha no fundo de seu coração uma maldade que ele próprio não sabia que existia em relação a esse jovem que estava sentado onde ele deveria estar sentado? Será que ele fechou os olhos em relação ao seu meio-irmão adolescente que estava abusando de prazeres que foram negados a ele por um destino cruel, assim como ele não tinha feito nada para impedir seu irmão mais velho de morrer no campo de batalha? Embora jamais possamos ter certeza, é possível que ele tenha feito isso.

Embora seja cruel acusar um príncipe tão nobre como Bhīṣma disso a psicologia comum nos diz que é possível que ele se ressentisse profundamente daquela jovem desconhecida que tinha entrado do nada na vida do seu velho pai e destruído o seu belo mundo. Pois, é legítimo que todo príncipe jovem sonhe com grandeza e Bhīṣma certamente poderia ter tido sonhos de grandeza, que foram destruídos para sempre por ela. Bhīṣma, que se ressentia no fundo do seu coração, permitiu que os sonhos dela ou sonhos de seu pai, de seus filhos se tornarem os governantes do império Bharata, dessem em nada através da sua indiferença e inatividade, ou mesmo incentivou isso ativamente? Sutis são os caminhos da mente humana e tortuosos os caminhos que ela geralmente toma para atingir seus objetivos.

A dureza nas palavras de Bhīṣma quando ele rejeita os pedidos de Satyavatī para ele quebrar seus votos e fazer o que a situação exige por causa dela, por

causa da família dela e por sua própria causa e para o bem dos Bharatas diz tudo sobre isso.

Encontrando a dinastia Bharata da qual ela é agora a rainha em crise profunda com a morte de seus dois filhos, Satyavatī, a mulher por cuja causa Bhīṣma tinha feito aqueles votos, repetidamente pede a ele para quebrar seus votos e executar niyoga nas esposas do seu meio-irmão e para sentar-se no trono de Hāstinapura. Ela também pede a ele para se casar e gerar filhos. Ela lhe diz repetidamente que essas são as coisas certas a fazer, dadas as circunstâncias, essas são as exigências da hora, todos os seus antepassados clamam por isso. Ela diz a ele que o piṇḍa, a kīrti e a saṃtāna – o bem-estar dos antepassados mortos, a glória da linha dinástica e a progênie que continuará a linhagem dos Bharatas, todos – dependem dele e se ele não se casar e gerar filhos, ou não produzir descendentes nas esposas de Vicitravīrya, todos eles serão destruídos.

"As duas rainhas do seu irmão, filhas do rei de Kāśī, ó Bharata, são ambas ricamente dotadas de beleza e juventude e ambas anseiam por filhos. Peço-lhe para seguir o antigo costume de niyoga que os seus antepassados seguiram e gerar filhos com elas para produzir herdeiros para a nossa linhagem familiar. Esse é o seu dharma e você deve segui-lo. Instale-se no trono, governe os súditos dos Bharatas, casa-se como o dharma ordena e salve os seus manes de caírem no inferno[5]". Foi assim que Satyavatī, a essa altura reduzida a implorar a ele, suplicou fervorosamente, embora como rainha ela pudesse lhe ordenar.

Niyoga é um costume antigo praticado na Índia, especialmente em famílias reais, pelo qual ou um indivíduo altamente respeitado ou um irmão de um homem morto produzia filhos em sua viúva. Esse não era um costume muito respeitado na época do Mahābhārata, ele era criticado, as crianças nascidas de tal união eram frequentemente expostas ao ridículo, e as mulheres geralmente odiavam serem submetidas a isso; porém era um costume consagrado pelo tempo, as escrituras o sancionavam, e os homens de grande honra e integridade tinham recorrido a ele no passado, quando nenhuma outra opção estava aberta para eles.

Bhīṣma se recusa.

As palavras que ele escolhe para expressar seus sentimentos internos são extremamente significativas. "Sem dúvida, Mãe", diz ele, "o que você falou é o dharma supremo (*paro dharmah*). Mas eu não vou me coroar como rei por causa do reino, nem farei sexo – você sabe muito bem o meu voto sobre gerar filhos. Satyavatī, você está ciente dos juramentos que eu fiz em sua presença na forma do seu preço de noiva – lembre-se deles.

"Eu abandonarei os três mundos, eu abrirei mão do império dos deuses, e se houver algo maior do que esses eu desistirei disso também. Mas eu nunca desistirei da minha verdade. Os cinco elementos podem abandonar sua natureza – a terra a fragrância que exala, a água o sabor que ela traz, a luz as formas que ela revela, o ar o sentido do tato e o espaço a sua capacidade de som. O sol pode desistir do seu esplendor, a lua da sua frieza, Indra, o matador de Vṛtra, a sua coragem e o senhor da justiça a própria justiça, mas eu não vou abandonar a minha verdade. Que o mundo acabe em dissolução, que tudo arda

[5] Ādi, 103 [pág. 222 § 1 da tradução em português].

em chamas, mas eu não vou voltar atrás com a minha palavra. A imortalidade não possui tentações para mim, nem a soberania dos três mundos[6]".

Se Bhīṣma provou seu caráter de um jeito antes, quando ele fez os votos, ele o prova de outra maneira agora, quando se recusa a quebrar os votos.

O que Bhīṣma faz aqui é ser fiel ao seu juramento feito anos atrás. E cumprir as próprias promessas, não quebrar os próprios votos, para consigo mesmo e para com os outros, é uma qualidade muito admirável em qualquer um. Sociedades, nações, organizações e culturas são mantidas por esses indivíduos. Essa é uma das qualidades que geram confiança nos indivíduos. E líderes de homens especialmente devem ser capazes de merecer tal confiança por sua integridade. Em uma organização, em uma sociedade, em uma cultura onde as pessoas quebram sua palavra, a desconfiança logo começa, e a desconfiança faz as pessoas se cansarem umas das outras, não resta nenhuma base sólida sobre a qual as pessoas podem interagir umas com as outras, e logo desintegração se segue. A fidelidade à palavra falada é o próprio fundamento de todos os trabalhos de grupo do ser humano, sem o qual nenhum dos edifícios que ele constrói pode sobreviver.

E, contudo, há ocasiões em que essa mesma fidelidade à palavra falada ameaça a existência do grupo, o bem da comunidade e a cultura em geral. Um grande líder é aquele que mostra em tais ocasiões a coragem de tomar sobre si a má fama que lhe vem de quebrar sua palavra falada no interesse maior do mundo e, assim, eleva-se a um nível mais elevado de moralidade.

É nesse desafio de sacrificar o próprio ego no altar do bem-estar da comunidade maior que Bhīṣma falha ao rejeitar todos os pedidos de Satyavatī a ele. As suas palavras definem a sua atitude inequivocamente: que o mundo vá para o inferno, eu não vou quebrar a minha palavra. Que a aniquilação tragá o mundo, eu não me importo, desde que o mundo não me acuse de quebrar a minha palavra.

Para Bhīṣma aqui, ele se torna mais importante do que o mundo inteiro. Ele é moral, no sentido de que mantém o seu voto, mas a sua moralidade é do tipo inferior, a moralidade do egocêntrico, a moralidade do egoísta, moralidade comum, moralidade convencional. Bhīṣma aqui está obcecado com a sua própria imagem - em sua mente e nas mentes dos outros. Ele está obcecado em permanecer como Bhīṣma o terrível, obcecado com a sua própria grandeza. Suas palavras nos falam da sua megalomania - e um megalomaníaco não pode ser um grande líder, certamente não uma força positiva.

Um grande líder, para quem o outro é maior do que ele mesmo, mais importante do que ele próprio, que se transforma em seus conflitos com a vida e seus desafios e cria metamorfoses em torno dele, deve ser capaz de subir para níveis de valores mais altos, lidar com questões de um plano moral mais elevado, deixando os lugares que a moralidade convencional exige quando a ocasião requere isso.

É esse plano moral mais elevado ao qual Bhīṣma não consegue subir. Bhīṣma permite que o seu senso de moral convencional o impeça de fazer o que é certo, de fazer o que é o bem maior. E Bhīṣma faria isso repetidamente. Ao longo da

---

[6] Ādi, 103 [pág. 222 § 2 da tradução em português].

sua vida, Bhīṣma mostraria que ele é incapaz de subir ao nível mais alto de moralidade. Ele mostraria isso a tal ponto e de forma tão clara que até mesmo as pessoas que o amam muito, que o respeitam muito por sua integridade, deixariam de confiar nele, de segredar-lhe o seu conhecimento, seus sentimentos, como Vidura faz quando esconde dele o fato de que ele sabia que os Pāṇḍavas estavam vivos quando Bhīṣma achava que eles estavam mortos e estava triste pela morte deles depois que Duryodhana tinha incendiado a casa de laca construída para eles. Vidura suspeitou, talvez com razão, que se Bhīṣma soubesse que os Pāṇḍavas estavam vivos ele teria, em sua integridade, revelado esse fato para Dhṛtarāṣṭra e ele para Duryodhana, e as vidas dos Pāṇḍavas estariam em perigo novamente.

Outro exemplo de quando Bhīṣma falha em subir a um plano moral mais elevado é quando Draupadī estava sendo despida no salão de jogos de Hāstinapura. Aqui está esta nobre princesa, uma esposa da família, arrastada pelos cabelos para fora dos aposentos internos da casa para os quais ela havia se retirado porque ela estava em seus períodos mensais, e levada a uma assembleia de reis e príncipes, incluindo seus maridos, seus primos, o rei Dhṛtarāṣṭra que é como um pai para ela e Bhīṣma que é como um avô. Os ācāryas veneráveis da família real estão sentados lá, lá estão inúmeros outros reis convidados e ela está usando uma única peça de roupa como costume obrigatório naquela (época) para as mulheres em sua condição, e aquele pedaço de tecido está manchado com seu sangue. Depois de ter sido levada para lá de uma forma tão humilhante, outras tentativas são feitas para ferir a sua dignidade e amor-próprio, em parte para humilhar seus maridos através disso e em parte para puni-la por sua dignidade e respeito próprio.

Eventualmente, na brilhante versão da história interpolada posteriormente, sob as ordens de Karṇa, Duḥśāsana em um ato demoníaco tenta puxar dela até aquele único tecido, levando assim a augusta assembleia de Bharata para um ponto tão baixo no qual talvez nenhuma outra assembleia real na história da humanidade jamais caiu. Bem diante dos olhos dos mais velhos e mais respeitados dos Bharatas, bem diante do guerreiro mais poderoso e hábil da época, bem diante daquele homem que era a própria encarnação do kṣātra dharma, o dharma do guerreiro, uma mulher está sendo humilhada como nenhuma mulher na história dessa terra foi humilhada, e quando ela pede a ele para intervir, ele fica sentado lá pensando sobre se é certo ele intervir ou não, ponderando sobre se essa mulher que estava sendo assim humilhada tinha se tornado uma escrava ou não, porque o seu marido a tinha apostado no jogo de dados depois que ele havia perdido a si próprio - como se fizesse uma grande diferença se ela era uma escrava, como se o que estava sendo feito, se fosse feito à escrava, fosse perfeitamente aceitável para ele. O primeiro dever do Bhīṣma como um kṣatriya aqui era salvar aquela mulher do que estava sendo feito a ela, parar os atos totalmente bárbaros que aconteciam diante dele. Em vez disso, por ficar sentado lá analisando a questão se os homens que faziam aquele ato perverso tinham o direito de propriedade sobre a mulher ou não, Bhīṣma mostra o quão vinculado ele estava pela moralidade comum, o quão, talvez, até mesmo abaixo do nível de moralidade comum ele estava. Bhīṣma aqui falha totalmente em subir para o nível de moralidade superior, o que Kṛṣṇa faz sem esforço quando ele vem em auxílio de Draupadī por lhe enviar

magicamente uma fonte infinita de roupas, de modo que quanto mais roupas Duḥśāsana removia, em mais roupas ele a descobria envolta.

No fim dos doze anos de vida nas selvas e um ano de vida em incógnito bem-sucedida, os Pāṇḍavas reivindicam a sua terra de volta. Os Kauravas são obrigados a devolvê-la para eles, conforme o acordo que haviam feito durante o jogo de dados. Duryodhana se recusa a fazê-lo, dizendo que eles foram descobertos antes que o tempo acabasse. Bhīṣma, que admite que os Pāṇḍavas não tinham sido descobertos antes do tempo e, portanto, Indraprastha deveria ser devolvida para eles e diz isso diante de todo mundo, não é capaz de defender o que ele acredita que é certo e não força Duryodhana a devolver Indraprastha aos Pāṇḍavas. Ele humildemente engole a recusa de Duryodhana e é forçado a apoiá-lo, seguindo a sua política permanente de apoiar quem estiver no trono de Hāstinapura. Aqui, novamente, a sua moralidade é de ordem convencional e inferior, e qualquer liderança que ele exiba, se ele exibe alguma em absoluto, é liderança convencional e não transformacional.

Também um outro exemplo notável de Bhīṣma falhando em se elevar acima da moralidade convencional, não conseguindo subir para a moralidade superior, é quando ele decide lutar ao lado de Duryodhana durante a guerra do Mahābhārata. Bhīṣma sabe, e ele diz isso repetidamente, que Duryodhana está errado, é injusto, que a batalha que ele está lutando é injusta. Ele também diz repetidamente que o dharma está do lado dos Pāṇḍavas, que a causa deles é justa e em seu coração ele os apoia. E, no entanto, por causa da sua lealdade ao rei Kuru no trono no momento, porque ele está vinculado a Duryodhana pela "dívida de riqueza", como ele mesmo diz, ele não só combate a guerra no lado Kaurava, mas também se torna o comandante supremo do exército Kaurava pelos primeiros dez dias da guerra, até sua queda. Ele tinha a mesma relação com os Pāṇḍavas e os Kauravas, ambos eram seus sobrinhos-netos, e se ele acreditava que a causa dos Pāṇḍavas era certa e a dos Kauravas errada, então ele deveria ter lutado no lado Pāṇḍava.

Toda a guerra brutal na qual milhões perderam suas vidas talvez não tivesse sido travada em absoluto, é possível, se Bhīṣma tivesse decidido lutar ao lado dos Pāṇḍavas. As chances são de que até Droṇa e Kṛpa, aqueles dois guerreiros formidáveis e pilares da força Kaurava, tivessem se unido a ele para estarem com os Pāṇḍavas, – pois, para eles também os justos Pāṇḍavas eram mais queridos do que os injustos Kauravas; e é possível que, após esses, uma vasta parte dos reis que se juntaram a Duryodhana para formar o seu exército de onze akṣauhiṇīs também teria se unido a ele e por causa dessas reviravoltas a própria guerra teria malogrado. É verdade que isso é tudo hipotético, mas essa certamente era uma possibilidade que não poderia ser descartada completamente. Se Bhīṣma tivesse se elevado a valores mais altos, se ele não tivesse permitido que seu senso de moral ficasse em seu caminho de fazer o bem, é possível que uma grande calamidade tivesse sido abortada, milhões de vidas poderiam ter sido salvas, tristeza sem fim para milhões de outros poderia ter sido evitada, e a tragédia que envolveu a Índia após a guerra do Mahābhārata não teria ocorrido de modo algum.

Também é interessante especular se a situação de guerra teria surgido em absoluto, se Bhīṣma tivesse se elevado aos níveis de moralidade superior

naquela ocasião inicial quando Satyavatī pediu-lhe para quebrar os votos que tinham então se tornado redundantes e sem sentido e que ameaçavam a própria continuação da linhagem de Bharata e a sobrevivência do império - como um líder excepcional teria se elevado, como todos os líderes transformacionais se elevam, como o sábio sentado em meditação fez em nossa história quando o rei perguntou-lhe se ele tinha visto o cervo fugindo perto, como fez Jesus quando disse: "Que aquele entre vocês que não tem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra" aos fariseus que haviam levado a mulher adúltera a ele.

Naturalmente, o seguinte também é meramente hipotético. O império dos Bharatas, o império de Śāṃtanu, provavelmente era o império mais poderoso da época. Se alguém como Bhīṣma o tivesse assumido, com alguém tão poderoso e tão competente quanto ele à frente das coisas, as chances são que as forças do mal que se ergueram posteriormente em diferentes partes do país e ameaçaram os modos dhármicos de vida, o império do mal que Jarāsandha estava construindo com Magadha como sua capital, com Pauṇḍraka Vasudeva de Bengala, no leste, Naraka do extremo nordeste, Kālayavana do noroeste, Bhīṣmaka no sudoeste, Śiśupāla no centro da Índia e Kaṃsa em Mathurā como seus aliados, os quais Kṛṣṇa lutou grande parte de sua vida para destruir, não teriam se tornado uma possibilidade em absoluto. No momento em que Kṛṣṇa matou Jarāsandha através de Bhīma, o imperador já tinha conquistado, capturado e jogado oitenta e seis reis na prisão, de todas as partes do país.

Da mesma forma, continuando a especulação, se ele tivesse assumido como rei, se ele tivesse se casado e produzido filhos, ou, alternativamente, se tivesse realizado o niyoga em vez de Vyāsa, as chances são de que o filho mais velho não nasceria cego e a situação complicada do Mahābhārata que, eventualmente, levaria à guerra não teria surgido. O Mahābhārata deixa muito claro que Ambikā, a mãe de Dhṛtarāṣṭra, esperava Bhīṣma (ou um dos outros Bharatas elegíveis) em sua cama naquela noite de niyoga e que foi tanto o choque de ver o sábio quanto o fato de que não era Bhīṣma (ou um dos outros Bharatas) que realizaria aquele ato que a assustou e tornou cego o seu futuro filho.

Os exemplos poderiam ser multiplicados, mas o exposto deixa claro que Bhīṣma permanece repetidamente amarrado pela moralidade convencional, por valores do velho mundo em um mundo no qual aqueles valores estavam crescentemente se tornando desnecessários, até ridículos. Bhīṣma reage à situação do ponto de vista idealista, e não do ponto de vista existencial. Ele olha para o mundo ao seu redor não a partir do presente, mas do passado. O que é não é tão real para ele quanto o que deveria ser. O voto que ele fez como um adolescente torna-se o princípio e o fim de toda a sua vida. Aquele momento torna-se o pico da sua vida e Bhīṣma não sobe mais. Há planaltos depois disso, e há vales e abismos, mas não mais picos em sua vida.

Como um líder transformacional, Bhīṣma falha completamente.

Em comparação, nos deparamos com Kṛṣṇa como um líder transformacional excelente em situação após situação. Repetidamente, ao longo de sua vida, ele assume o risco de rejeitar a moralidade convencional e sobe para níveis de

moralidade superior por uma causa que ele defende a sua vida inteira. Ao fazer isso ele atrai para si a possível censura da sua própria geração e das gerações vindouras. Mas para ele a sua causa era maior do que ele mesmo, maior do que o seu ego pessoal, maior do que o seu nome e fama, que podiam todos ser sacrificados para o bem maior, o bem-estar da humanidade, lokasaṅgraha. Se aceitarmos a tradição que diz que Kṛṣṇa era Deus feito carne, então esse objetivo era o que ele diz na Gītā como:

"Sempre que o dharma declina e o adharma prospera, então eu crio a mim mesmo. Para proteger os bons e destruir os maus, para estabelecer o dharma, eu nasço repetidamente era após era"[7].

E se olharmos para ele não como uma encarnação, mas como outro ser humano como nós, então nós também descobriremos que foi isso o que ele fez toda a sua vida: proteger os bons, destruir os maus, estabelecer o dharma onde reinava o adharma. E essa missão era tão sagrada para ele que em seu altar ele poderia sacrificar a sua glória pessoal sem hesitar. Kṛṣṇa ardia - para que outros pudessem obter luz e calor.

Olhando para o Kṛṣṇa do Mahābhārata (que é muito diferente do Kṛṣṇa do Bhagavata e da sabedoria popular), descobrimos que vários dos seus atos são de moralidade duvidosa do ponto de vista convencional. Durante a guerra do Mahābhārata ele incentiva atos iníquos repetidamente - e muitos desses atos que os Pāṇḍavas realizam durante a guerra são concebidos primeiro no cérebro dele.

Assim, encontramos Kṛṣṇa sugerindo aos Pāṇḍavas uma trama traiçoeira para matar Droṇa em um dia em que a fúria e a habilidade de Droṇa no campo de batalha tinham se tornado impossíveis de enfrentar e ele estava causando a morte de milhares de guerreiros Pāṇḍava a cada minuto. Droṇa era como um redemoinho naquele dia, arrancando poderosos guerreiros e soldados comuns igualmente aos bandos. Vendo o lado Kaurava perdendo a batalha, Droṇa tinha entrado em uma raiva selvagem e após usar outras armas para dizimar trechos enormes do exército Pāṇḍava, ele tinha finalmente começado a usar a própria Brahmāstra, uma das mais poderosas armas de destruição em massa da época. Kṛṣṇa percebe a grave seriedade da situação e diz aos Pāṇḍavas como Droṇa é simplesmente invencível - nem mesmo o próprio senhor dos deuses pode derrotá-lo na guerra enquanto ele empunha armas nas mãos. Kṛṣṇa lhes pede para esquecerem a moral convencional e se mostrarem à altura da necessidade da hora. É verdade, ele lhes diz, que matar o próprio instrutor é o pior dos pecados, mas chegou a hora de fazê-lo. "A única maneira de ele poder ser morto é se ele abandonar as armas", diz Kṛṣṇa. "E, portanto, Pāṇḍavas, esqueçam o pecado de matar um professor e façam o que é necessário para a vitória ... Eu acredito que ele desistirá da batalha se ele ouvir que seu filho Aśvatthāma está morto. Alguém deve ir agora até ele e dizer-lhe que Aśvatthāma foi morto[8]".

Um plano vil, perverso, cruel. Totalmente injusto.

---

[7] Bhagavad Gītā, 4.7-8.

[8] Droṇa, cap. 191 [pág. 415 da tradução em português].

E isso é exatamente o que eles fazem, embora Arjuna, o discípulo favorito do ācārya, não goste e Yudhiṣṭhira tenha graves escrúpulos sobre isso. Bhīma prontamente mata um elefante chamado Aśvatthāma que pertencia a um rei do seu próprio lado e depois anuncia sonoramente para Droṇa que Aśvatthāma estava morto. O ācārya não confia nele, e, se aproximando de Yudhiṣṭhira, conhecido por sua integridade, pergunta a ele se é verdade. Yudhiṣṭhira é mais próximo de Bhīṣma em espírito e em sua percepção do dharma; ele não tem a ousadia e a coragem, a visão maior de Kṛṣṇa. Deixado a si próprio ele não diria a mentira - sabendo disso Kṛṣṇa corre para o seu lado. O Mahābhārata descreve Kṛṣṇa como muito angustiado naquela hora - ele tem razões para estar agoniado, esse é um momento decisivo, Yudhiṣṭhira em seu entendimento obtuso do dharma é capaz de abandonar todo o plano - e com ele a guerra e a missão de Kṛṣṇa na vida - estabelecer o dharma em uma terra da qual ele estava desaparecendo rapidamente. Kṛṣṇa diz a ele: "Se um Droṇa furioso lutar a batalha dessa forma por apenas metade de um dia, deixe-me assegurá-lo que todo o seu exército será dizimado. Eu lhe suplico, Yudhiṣṭhira, salve a todos nós de Droṇa. Este é um momento em que uma mentira é superior à verdade[9]".

Satyat jyayo'nrtam vachah - palavras falsas são superiores à verdade. É preciso a coragem de um Kṛṣṇa para dizer isso. É preciso a visão de Kṛṣṇa para justificar isso. Bhīma também corre até Yudhiṣṭhira e informa que ele acabou de matar um elefante chamado Aśvatthāma e implora para ele ouvir o que Kṛṣṇa fala e dizer a Droṇa que Aśvatthāma foi morto. E então Yudhiṣṭhira, o que todos acreditavam que era incapaz de dizer uma mentira, é mais ou menos convencido a mentir, embora ele ainda se apegue à verdade em palavras e minta apenas em espírito, como é frequente com aqueles de moralidade convencional. Ele dez em voz alta ao ācārya que Aśvatthāma foi morto e, em seguida, acrescenta baixinho que foi um elefante que foi morto, tão baixinho que Droṇa não ouve aquelas palavras[10].

O ācārya, o guru reverenciado e amado dos Pāṇḍavas, fica abalado com a notícia da morte de seu filho, que era mais precioso para ele do que a própria vida - foi por causa desse filho que ele tinha pegado em armas, foi por causa dele que ele tinha descido das alturas austeras da posição de brâmane e se tornado um kṣatriya por profissão, se ele estava espalhando a morte no campo de batalha como uma tempestade de fogo agora, era tudo por causa do que ele teve que fazer por causa de seu filho. Droṇa de repente perde todo o interesse na guerra e abandonando suas armas anuncia para Duryodhana e os outros que agora eles deveriam continuar a guerra, para ele tinha acabado.

Droṇa se senta no seu carro em meditação profunda e entra em um mundo de serenidade que só os grandes iogues conhecem e sua alma deixa o corpo. É enquanto o seu corpo está assim sentado, depois que a sua alma tinha partido do seu corpo, que o homem nasceu para matá-lo, Dhṛṣṭadyumna, o irmão de Draupadī e uma vez o amigo do filho de Droṇa e inimigo depois, corta a cabeça dele. Arjuna corre em direção a ele para parar esse ato horrendo, gritando para Dhṛṣṭadyumna não matar o ācārya - ele é ācārya de Dhṛṣṭadyumna também - mas é tarde demais. Tão vil e desprezível é essa ação, e tal a fúria subsequente

[9] Droṇa, cap. 191 [pág. 417 da tradução em português].

[10] Na versão popular da história, Kṛṣṇa sopra sua concha para abafar as últimas palavras de Yudhiṣṭhira que contêm a verdade. No entanto, o Mahābhārata não nos diz nada parecido.

no próprio acampamento Pāṇḍava por essa traição ao ācārya venerável que Dhṛṣṭadyumna, o autor do ato final desse feito sórdido, quase perde a vida nas mãos dos seus próprios amigos e parceiros.

É verdade que Droṇa tinha feito muitas coisas que um brâmane, um homem de sua posição elevada que deveria passar seu tempo em estudos, ensino e meditações, não deveria ter feito. Nos últimos momentos da sua vida ele estava envolvido em uma guerra e matando homens aos milhares - quando um brâmane não tem permissão para matar nenhuma coisa viva sob quaisquer circunstâncias. E, momentos antes de Dhṛṣṭadyumna cortar a cabeça dele, ele estava usando a Brahmāstra contra tudo e todos - a primeira regra ensinada a um homem antes que ele receba a Brahmāstra é que ela poderia ser usada somente contra outro homem que conhecesse a Brahmāstra e não contra guerreiros comuns. Em sua fúria cega, aguçada pela importunação de Duryodhana insistindo que ele não era sincero no campo de batalha, que ele não queria matar os Pāṇḍavas, ele tinha esquecido a primeira lição de moralidade que rege o uso daquela arma destruidora. Mas, apesar de tudo isso, a traição de um homem de sua qualidade e estatura de uma forma tão cruel, também pelos seus próprios discípulos, era um ato imoral.

A menos, claro, que você olhe para isso a partir da perspectiva da moralidade superior - a de lokasaṅgraha, o bem maior. Aquele guerreiro poderoso, o homem de muitas virtudes, estava lutando do lado das trevas e a sua vitória teria significado um fracasso para o dharma, o fracasso da missão de Kṛṣṇa de estabelecer um mundo justo, para a sua visão de um mundo de luz. A moralidade convencional não pode justificar isso, a moralidade da palavra não pode justificar isso, mas do ponto de vista da moralidade mais elevada, moralidade baseada não apenas em regras e regulamentos, mas no bem maior, não é apenas justificável, mas essencial. Exceto por essa única coisa, o bem maior, ela desrespeita todas as outras regras de comportamento estabelecidas nas sociedades cultas, as normas sociais e tradições, os valores cultivados por séculos de vida nobre. Mas Kṛṣṇa estava olhando para a situação não do ponto de vista moral inferior, mas a partir da perspectiva do dharma mais elevado para o qual ele tinha vivido toda a sua vida.

De fato, ao escolher o dharma mais elevado sobre o dharma convencional, sobre o dharma da tradição e dos costumes, Kṛṣṇa tornou-se aberto à crítica de que ele traiu a confiança, de que ele violou regras, jogou o jogo da guerra traiçoeiramente, tão traiçoeiramente quanto os Kauravas jogaram o jogo de dados. Como, então, pode-se perguntar, Kṛṣṇa é diferente dos Kauravas?

Bem, há uma diferença entre as ações dos Kauravas no salão de jogos de Hāstinapura e o ato de traição de Kṛṣṇa no campo de batalha de Kurukṣetra. E esta é uma grande diferença. As ações dos Kauravas na sala dos dados foram imorais - abaixo do nível da moralidade comum - e foram motivadas pela ganância, pela raiva, pela vingança, pelo ciúme, pela amargura e ressentimento, pela intolerância, e por uma dúzia de outros poderes sombrios e maus em seus corações. Enquanto que as ações de Kṛṣṇa em Kurukṣetra foram de moralidade superior - acima do nível de moralidade comum - e elas se originaram em seu desejo pelo bem-estar do mundo, no desejo de estabelecer uma sociedade justa, de destruir os poderes das trevas e trazer luz para o mundo.

Moralidade superior e imoralidade frequentemente são confundidas. Os viciosos caem na imoralidade e os homens verdadeiramente grandes sobem para o nível mais elevado de moralidade.

Kṛṣṇa novamente violou as regras quando ele fez Bhīma matar Duryodhana traiçoeiramente no fim da guerra. Aqui, novamente, como no caso de Droṇa, ele não tinha escolha a não ser seguir um caminho, levar seus seguidores através de um caminho, que o mundo em geral, com os seus valores de moralidade comum, chamaria de imoral. Yudhiṣṭhira, quando ele desafiou Duryodhana a sair e lutar, cometeu um erro estúpido, prometendo que, se Duryodhana vencesse qualquer um dos irmãos Pāṇḍava, usando qualquer arma de sua escolha, então todo o reino que eles tinham ganhado através da guerra voltaria para ele. Duryodhana era o melhor guerreiro com maças da época, com nenhum dos irmãos Pāṇḍava, incluindo Bhīma, igual a ele. Ele poderia facilmente ter batido Sahadeva ou Nakula, ou mesmo Arjuna ou o próprio Yudhiṣṭhira na maça e o reino teria voltado para ele e toda a guerra, e todas aquelas mortes e miséria, tudo teria sido inútil. Foi em parte a nobreza em Duryodhana e em parte a sua arrogância que o fez escolher Bhīma para uma batalha com a maça - e até mesmo Bhīma estava perdendo, e a única maneira de salvar a situação era fazer o que seria normalmente chamado de um ato de adharma, mas era necessário para o bem-estar do mundo e, portanto, um dharma superior. E é isso o que Kṛṣṇa escolhe fazer quando ele pede a Bhīma para golpear Duryodhana abaixo da cintura e matá-lo contra as regras da maça.

Passando à história interpolada do desnudamento de Draupadī no Mahābhārata, havia muitas pessoas presentes na assembleia que poderiam ter intervindo de forma decisiva em seu nome. Exceto por Vidura e Vikarṇa, duas figuras não muito poderosas lá que tinham intervindo pelo menos em palavras em nome dela, os outros que sentiam por ela todos tinham medo de falar em sua defesa, sem falar sobre fazer algo. Esses incluíam guerreiros poderosos como Bhīṣma, Droṇa, Kṛpa e Aśvatthāma, e todos os próprios cinco maridos de Draupadī. Eu não acho que foi o medo da força física de Duryodhana que os acovardou - eles eram homens destemidos no campo de batalha e um duelo com armas era algo que excitava todos eles, com exceção, talvez, de Yudhiṣṭhira. O que os fez ficarem quietos foi confusão sobre o dharma. Em algum canto de suas mentes eles sentiam que o que estava acontecendo era bom. O que estava sendo feito a Draupadī lá era monstruoso e feio, mas Duryodhana tinha o direito de fazê-lo porque Yudhiṣṭhira a tinha apostado no jogo de dados e a perdido e, portanto, ela era sua escrava, e a tradição e os costumes davam ao dono o direito de fazer o que quisesse com seu escravo - ele poderia vendê-la se assim o desejasse, presenteá-la para outra pessoa, fazer sexo com ela, dar-lhe para o sexo para outro, fazê-la fazer o que quer que ele quisesse, fazer com ela o que ele desejasse, incluindo despi-la e ostentá-la nua em uma assembleia.

Então, o que tinha que ser decidido era a questão que Draupadī levantou:

Ela era uma escrava ou não? Se ela fosse, mesmo se não porque Yudhiṣṭhira a tinha apostado, mas pelo fato de que ela era a esposa de homens que haviam se tornado escravos e tudo o que pertencia ao escravo pertencia ao amo e, nesse sentido, ela pertencia a Duryodhana e era sua propriedade e ele podia

fazer o que quisesse com sua propriedade, então ele tinha o direito de fazer o que quisesse com ela, incluindo desnudá-la e exibi-la nua.

Na dharmasaukshmyat subhage vivektum shaknomi te prashnam imam - "quando eu examino a situação, ó bela, eu não sou capaz de chegar a uma resposta clara à sua pergunta, porque o dharma é muito sutil[11]". Isso é o que Bhīṣma diz a Draupadī finalmente respondendo à sua pergunta se ela tinha sido obtida no jogo de dados ou não - *jitam va ajitam va mam manyadhve sarvabhoomipah:* "o que os reis aqui presentes consideram - que eu fui ganha, ou que eu não fui ganha?" Um pouco mais tarde, ele repete:

"Eu já lhe disse, ó auspiciosa, o caminho do dharma é sutil, de fato. Mesmo os grandes homens com imenso conhecimento acham difícil compreendê-lo ... Eu não posso chegar a uma conclusão definitiva sobre a sua pergunta - porque o assunto é sutil, profundo e de grande significância[12]".

A essência do dharma é difícil de compreender; oculto é o caminho do dharma. O dharma é sutil demais e nesse caso ele não tem certeza do que é certo e do que é errado.

Isso é o que Bhīṣma diz.

E isso é o que o prende.

Bhīṣma está olhando para toda a situação a partir da perspectiva dos direitos de propriedade de Duryodhana e de se Duryodhana possui Draupadī agora ou não. Ele não vê a mulher em sofrimento de pé diante dele, ele não vê a esposa da família sendo humilhada tão imperdoavelmente diante de todos. Nem Droṇa ou Kṛpa ou Aśvatthāma veem isso. Os quatro Pāṇḍavas sentem que o seu dharma não lhes permite agir contra o seu irmão mais velho e esse irmão mais velho sente mais ou menos o mesmo que Bhīṣma e Droṇa sentem.

Kṛṣṇa não tem essas hesitações, nem tal disputa acontece dentro do seu coração. Ele vê a situação claramente do seu ponto de vista moral mais elevado. Aqui está uma mulher em perigo, ela precisa da sua ajuda, ele é capaz de prestar essa ajuda e ele a ajuda. Se Yudhiṣṭhira tinha o direito de apostá-la, se ela é uma escrava e outras questões como essa são irrelevantes para ele. Ele se eleva acima de tais questões mesquinhas e vê com clareza infalível a situação humana lá e intervém decisivamente mostrando como ele pode facilmente se erguer para níveis mais altos de moralidade quando a ocasião exige.

Há um belo encontro entre Kṛṣṇa e Bhīṣma no meio da guerra do Mahābhārata. Isso acontece na segunda metade do nono dia da guerra. Bhīṣma está em um ânimo de batalha furioso, em sua melhor forma como um guerreiro. Guerreiros estão caindo mortos ao redor dele em pilhas, assim como cavalos e elefantes. Bandeiras caem de mastros às centenas, carros quebrados formam montes ao redor de onde ele está lutando. Bhīṣma é nada menos que um incêndio florestal violento. Incapaz de suportar a sua ferocidade, o exército Pāṇḍava grita e corre atabalhoadamente. Tal é o terror e a confusão, diz o Mahābhārata, que pais começam a matar filhos, filhos pais, e amigos, amigos. Enlouquecido pela

[11] Sabhā, cap. 66 [pág. 118 § 1 da tradução em português].
[12] Sabhā, cap. 68 [pág. 124 § 1 da tradução em português].

consternação e horror, o exército perdeu o juízo. Kṛṣṇa diz a Arjuna que chegou a hora de pôr fim a isso - Bhīṣma deve ser morto, e ele deve fazer isso imediatamente e cumprir a sua promessa anterior. Arjuna olha para Kṛṣṇa e então ele olha para Bhīṣma mais uma vez - o avô em cujo colo ele tinha brincado quando criança. Uma vez, ele se lembra, sentado no colo de Bhīṣma, ele o havia chamado de pai e Bhīṣma o tinha corrigido - não, ele era seu avô. Arjuna cai em viṣada, melancolia, na qual ele tinha caído na abertura da guerra, da qual Kṛṣṇa o tinha tirado através dos ensinamentos da Gītā. "Diga-me, Kṛṣṇa", diz ele, "matar aqueles que não deveriam ser mortos e obter uma terra (rājya) o que seria pior que o inferno, e viver uma vida de sofrimento na selva - desses dois, qual é o melhor?"

Ele então relutantemente pede a Kṛṣṇa para levar o seu carro para onde Bhīṣma está. Os dois se envolvem em uma batalha - feroz, sem dúvida, mas Kṛṣṇa pode ver claramente que o coração de Arjuna não está na batalha, enquanto Bhīṣma, apesar de todo o seu amor por seu neto favorito, é implacável em seu ataque. O ataque de Bhīṣma se torna cada vez mais feroz a cada minuto, ferindo tanto Arjuna quanto Kṛṣṇa completamente, banhando-os em sangue. Como Kṛṣṇa vê o exército Pāṇḍava perecendo por todos os lados e percebe que Arjuna não vai contra-atacar com todo o seu coração, ele percebe que chegou a hora de quebrar a sua promessa e agir por conta própria. Deixando Arjuna na carruagem, ele salta dela e ainda segurando o chicote na mão e rugindo como um leão enfurecido corre para Bhīṣma para matá-lo com os braços nus (em outra ocasião com uma roda de carruagem que ele pegou do campo em sua mão). A terra treme quando os passos cheios de ira de Kṛṣṇa caem sobre ela. Gritos sobem de mil gargantas aterrorizadas –

"Bhīṣma está acabado, Bhīṣma está acabado".

Bhīṣma vê Kṛṣṇa se aproximando dele como um furacão, a morte em seus olhos. "Venha, venha Kṛṣṇa, e ponha um fim à minha vida hoje", diz ele, preparando seu arco para a batalha. "Eu me sinto honrado, Kṛṣṇa, como nunca antes; isso é como todos os três mundos derramando bênçãos sobre mim. Venha e acabe comigo, Kṛṣṇa". Arjuna salta do seu carro e corre atrás de Kṛṣṇa, e é só depois de uma luta furiosa com ele que ele consegue pará-lo ao segurar as suas pernas por trás e agarrar-se a elas. A fúria de Kṛṣṇa não diminui mesmo depois de Arjuna lembrar-lhe repetidamente do seu voto de não lutar na batalha. Arjuna diz a Kṛṣṇa que o mundo iria chamá-lo de traidor da sua própria palavra, se ele não parasse, um mentiroso comum. E então Arjuna promete não poupar Bhīṣma, matá-lo. Ele promete fazê-lo por todos os seus méritos, pelas armas que são sagradas para ele como um guerreiro e por sua veracidade. E é só então que ele é capaz de levar Kṛṣṇa de volta para a sua carruagem.

Aqui novamente vemos Kṛṣṇa quebrando a sua palavra. Ele prometeu não lutar e ainda assim ele corre para Bhīṣma na fúria da batalha, pronto para matá-lo. Provando mais uma vez que, ao contrário de Bhīṣma, ele quebraria a sua palavra se a ocasião exigisse isso - já que o seu objetivo é o bem do mundo, Kṛṣṇa não se importa de cometer esse pecado. Arjuna lembra especificamente Kṛṣṇa aqui - as pessoas iriam acusá-lo de quebrar sua palavra, de ser um hipócrita, um mentiroso e um traidor. Mas Kṛṣṇa não se importa com isso, pelo menos não se importa o suficiente para impedi-lo de fazer o que ele acha que é certo. Mais uma vez, ele não permite que a sua moral o impeça de fazer o que é

certo. Dois outros incidentes que comprovam a natureza transformacional da liderança de Kṛṣṇa precisam ser mencionados. Como vimos anteriormente, uma das coisas que um líder transformacional faz é elevar seus seguidores para planos mais altos de moralidade assim como o próprio líder se eleva àqueles níveis.

Perto do fim da grande guerra chega um momento em que Arjuna tem que escolher entre a moralidade convencional e a moralidade superior. As rodas do carro de Karṇa estão presas na lama molhada com o sangue dos guerreiros e o carro não se movia. Karṇa pula do carro e tenta puxar para cima a roda presa, pedindo a Arjuna não para atacá-lo enquanto ele estivesse em condição inferior. As convenções de guerra diziam que Karṇa não podia ser atacado sob tais condições. Deixado a si próprio, Arjuna não o teria atacado. Mas Kṛṣṇa sabe que essa oportunidade de matar um dos guerreiros mais formidáveis do exército inimigo, o mais formidável vivo até então, não deveria ser desperdiçada - e Kṛṣṇa pede a Arjuna para atirar em Karṇa. Ele lhe diz que o homem que agora está pedindo por justiça e um tratamento justo, pelo dharma, não tem o direito de fazê-lo, pois esse é o homem que estava com Duryodhana como seu esteio em todos os seus atos injustos, o homem que não só permaneceu e assistiu quando Draupadī estava sendo humilhada publicamente na sala de jogos, o homem que ordenou a humilhação final dela. Arjuna obedece a Kṛṣṇa. Por mandar Arjuna matar Karṇa o que Kṛṣṇa faz é ajudar Arjuna ver a situação a partir da perspectiva da moralidade superior e abandonar a postura que a moralidade convencional o forçaria a tomar. Kṛṣṇa ergue Arjuna ao nível de valores morais mais elevados aqui.

Kṛṣṇa faz a mesma coisa durante o que se tornou um dos incidentes mais importantes do Mahābhārata. O conflito interno de Arjuna e a tristeza resultante disso, sobre a qual ele fala longamente no primeiro capítulo da Bhagavad Gītā e no início do segundo capítulo, é um resultado da sua incapacidade de ver as coisas a partir de um plano moral mais elevado. Toda a mensagem da Gītā é dirigida a ajudar Arjuna a olhar para a guerra e o seu dever nela a partir das perspectivas da visão de Kṛṣṇa - os valores mais altos baseados em lokasaṅgraha. Aqui também Kṛṣṇa atua como um líder transformacional extremamente competente. E, ao fazê-lo, ele nos dá o que se tornou um dos nossos maiores tesouros nacionais, o livro que tem guiado as nossas ações através de milênios, uma das escrituras mais queridas da humanidade: a Gītā, o livro de ação transcendental de Kṛṣṇa, o florescimento da sua sabedoria transformacional.

É interessante se perguntar por que Bhīṣma, o príncipe altamente competente, falha repetidamente em fornecer liderança transformacional para o seu povo, onde Kṛṣṇa consegue fazê-lo com tão pouco esforço. A resposta é que Kṛṣṇa é o que ele próprio descreve no segundo capítulo da Gītā como um sthitaprajña - um homem cuja consciência está em firmemente enraizada no mais alto. Enquanto que Bhīṣma é um homem preso em sua própria autoimagem.

A mitologia grega conta a história de Eco e Narciso, que Ovídio narra tão lindamente em sua Metamorfose. Narciso era um homem selvagem que vivia na selva caçando, vivendo a vida de uma criatura da selva. Ele não conhecia outra fome além daquela do estômago. Eco vê este belo jovem além de toda

descrição e imediatamente perde o seu coração para ele. Mas não estava em seu poder se dirigir a ele, pois uma maldição de Juno a tinha reduzido a meras últimas palavras - ecos. Um dia Narciso chama por seus amigos que tinham se separado dele e é Eco que lhe responde - ela tinha estado a segui-lo por toda parte nas montanhas e cavernas. No entanto, quando ela aparece diante dele, esticando os braços para ele em amor, ele a afasta, chocado e horrorizado, pois ele não sabia o que era o amor por uma mulher. Ferida, com seu coração ainda sofrendo de amor por ele, Eco vai para longe dele, para passar o seu tempo entre os penhascos e cavernas solitárias da montanha. Aos poucos ela definha e torna-se apenas uma voz - o eco.

A história toma rumos levemente diferentes nessa fase. Uma versão diz que Eco amaldiçoou Narciso que ele também iria definhar por uma amada e encontrar o seu fim, seu amor não correspondido. Outra diz que foi outra ninfa a quem ele rejeitou que rezou para que ele um dia soubesse o que era amar e sentir a agonia de um amor não correspondido, e que as Fúrias ouviram a sua prece e a realizaram.

Um dia Narciso está inclinado sobre uma fonte solitária para beber água, ele vê sua imagem na água límpida e, naquele momento, a maldição de Eco produz efeitos. De repente ele sente o despertar do amor dentro do seu coração - pela beleza que ele vê na água. Ele se abaixa para beijar sua amada, estende os braços em sua necessidade de abraçá-la, mas pelo seu toque a água é perturbada e a imagem desaparece. Ele permanece lá agoniado até que a água se acalma novamente e quando ele vê a imagem de novo, ele estica os braços novamente, apenas para ver sua amada desaparecer de novo ao seu toque.

A história nos conta que Narciso ficou na fonte até que ele caiu emaciado e morreu lá, seu amor não correspondido. As ninfas da água e as ninfas da floresta e as montanhas lamentaram por ele, junto com Eco, e prepararam um funeral para ele. Mas quando elas olharam para o seu corpo ele tinha desaparecido, e tudo o que elas podiam ver era uma bela flor, púrpura no interior, cercada por pétalas brancas: o narciso.

Narcisismo na psicologia moderna significa amor-próprio, especialmente destrutivo, amor-próprio autodestrutivo. Em sua juventude o jovem Devavrata fez dois votos, que o transformaram em Bhīṣma o terrível. Bhīṣma gostou muito da sua nova imagem - ele se apaixonou por ela. Era uma imagem muito honrosa, uma imagem gloriosa: o mártir, o autossacrificador, o homem de votos inabaláveis, o homem incorruptível de integridade total. Bhīṣma ficou fascinado por essa autoimagem, seduzido por ela. Ele deu as costas à vida e a vida, Eco, o amaldiçoou por sua vez - ele era agora o Narciso amaldiçoado, enfeitiçado por sua própria autoimagem, angustiando-se toda a sua vida pelo seu próprio reflexo na água, sua autoimagem criada pelos juramentos.

Um narcisista não pode ser um grande líder de homens, não pode transformar as pessoas, não pode tocá-las.

Bhīṣma, apesar das suas várias grandes virtudes, falha não porque ele é incompetente, mas porque ele é um homem preso em sua própria autoimagem, na moralidade convencional, preso dentro de si mesmo. O patriarca dos Bharatas vive uma vida incrivelmente longa e entra em contato com várias gerações de pessoas: Satyavatī, a mãe de Vyāsa, pertence à sua própria

geração. Os filhos de Satyavatī, Vyāsa, Citrāṅgada e Vicitravīrya pertencem à geração seguinte. Dhṛtarāṣṭra e Pāṇḍu, junto com Vidura, pertencem à terceira geração e seus filhos, que lutam em Kurukṣetra, os Dhārtarāṣṭras ou Kauravas e os Pāṇḍavas, pertencem à quarta. Abhimanyu e outros filhos Pāṇḍavas e Kauravas pertencem a uma quinta geração. O que é chocante é que, enquanto todas essas gerações admiram e veneram Bhīṣma imensamente, o próprio Bhīṣma não tem influência positiva sobre nenhuma dessas gerações. Ele não toca em nenhum deles, para transformá-los em seres melhores. Kṛṣṇa, o líder transformacional supremo, o sthitaprajña, transforma cada pessoa que ele toca, durante toda a sua vida.

Erguer-se acima da moralidade convencional para níveis de moralidade superior, elevar seus seguidores a esses níveis - essa não é a única qualidade de um líder transformacional. Um líder transformacional tem sabedoria, tem uma visão, tem a capacidade de comunicar aquela visão, tem a coragem de agir conforme aquela visão, tem a capacidade de se identificar com seus seguidores e tratar das verdadeiras necessidades deles. Ele cria confiança em seus seguidores, tem o poder de motivá-los, é proativo, tem imensa energia, propósito, compromisso total, paixão, coragem e uma presença poderosa. Em um nível pessoal, ele é amável, compassivo, demonstra compreensão e aceitação, e tem o poder de rir no meio das calamidades. Ele é gentil e firme e tem a humildade do tigre do Himalaia, como a tradição tibetana Shambhala coloca - a humildade orgulhosa de uma pessoa que é ela mesma, não tem pretensões, não usa máscaras.

Kṛṣṇa, o supremo líder transformacional, é tudo isso - e muito mais.

A filosofia que Kṛṣṇa ensina, a filosofia que Kṛṣṇa pratica em sua própria vida, é perigosa, contudo. Isso pode significar que o fim justifica os meios. E dizer isso é dizer algo assustador em suas implicações, suas possíveis interpretações e aplicações. Nas mãos dos maus, a filosofia poderia ser desastrosa - como o mundo tem visto repetidamente, e está vendo agora mesmo. Pois o que é um grande objetivo para alguém, em sua preocupação com seu egoísmo, na sua ganância e avareza, em sua autoabsorção egocêntrica, em sua busca por glória pessoal, pode ser miséria para outro, pode ser aflição, morte e devastação para outro.

A única perspectiva a partir da qual o fim pode justificar os meios é quando as suas metas são definidas por um coração verdadeiramente nobre: um coração que não deseja o mal para ninguém, que ama o mundo tanto quanto ama a si mesmo, e que está disposto a se sacrificar no altar do bem do outro, no maior bem comum. É só então que subimos ao nível dos valores mais elevados - do contrário, o que fazemos é imoralidade, pura e simples.

31 de dezembro de 2006.